

KEN É HOMEM SUFICIENTE? MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E SUBALTERNAS NA CULTURA VISUAL CONTEMPORÂNEA EM *BARBIE* (2023)

Orientador: Dr. João Paulo Baliscei; vjbaliste@gmail.com;
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá

Bolsista: Pedro Henrique Decleva Fernandes; pedronesle@gmail.com;
Graduando em História pela Universidade Estadual de Maringá

Área: Ciências Humanas; **Subárea:** Sociologia

Palavras-chaves: *Ken, Masculinidades, Cultura Visual, Barbie.*

Resumo: Masculinidade, conceito que se refere a um conjunto de atributos, comportamentos e papéis associados a meninos e homens, e que não necessariamente está relacionado com o sexo biológico deles, mas que foi sendo construído socialmente. Compreende-se o que conceito de masculinidade não é estático e que apresenta variações de acordo com o contexto em que ele é lido. Diante disso, a partir dos fundamentos dos Estudos das Masculinidades e dos Estudos da Cultura, argumentamos como a produção hegemônica de um modelo específico de masculinidade, verificado por artefatos culturais e visuais, resulta na produção de um modelo subalterno. Para tanto, objetivamos levantar reflexões iniciais acerca dos aspectos identitários afetos às masculinidades, a partir da cultura visual contemporânea relacionada a *Barbie* (2023).

INTRODUÇÃO

“Ser homem não basta?”

Com essa citação proferida pelo personagem Ken do longa-metragem *Barbie* (2023), dirigido pela estadunidense Greta Gerwig (1983--), tematizamos que “ser homem” é uma questão identitária que guarda relações com o campo biológico, e que, ao mesmo tempo, é atravessada, modificada, autorizada e disputada também em níveis sociais, culturais e visuais.

O filme em questão apresenta um cenário de “lugar perfeito”, chamado *Barbieland*, onde vivem Barbie, suas amigas também consideradas “perfeitas” e os personagens masculinos, chamados Kens. Semelhantemente às mulheres, esses apresentam características que culminam naquilo que, visualmente, é esperado dos homens. Quando flexionados no plural, os nomes próprios “Barbie” e “Ken” sugerem certa perda de individualidade e de singularidade por parte dos sujeitos a que se referem. Indicam, de certa forma, que os homens aos quais o filme se refere como “Kens” pertencem a uma mesma categoria, assim como pertencem a uma mesma categoria as mulheres as quais se referem como “Barbies”. A trama do filme se passa quando uma das Barbies, a protagonista, começa a desenvolver uma crise existencial que a leva, juntamente com um dos Kens, à uma jornada em busca de respostas sobre si mesma; sobre os valores de *Barbieland*; e sobre o mundo real, no qual, a princípio, fora criada para servir de exemplo de superação para outras mulheres e meninas. Nesse ínterim, Ken, que também embarca nessa jornada, tem, pela primeira vez, acesso ao mundo real e à força patriarcal que nele opera. Com

isso, depara-se com outros modelos de masculinidades, cultuados no mundo real, e nunca outrora explorados por ele ou pelos demais Kens em *Barbieland*.

Nessa experiência fora de seu mundo fictício, Ken acessa como tais modelos são construídos e mantidos pelos homens do mundo real, na intenção de prestar manutenção aos poderes que lhes privilegiam. De início, ele se admira com o privilégio masculino, tomando consciência dos benefícios sociais, políticos, econômicos, sexuais, estéticos, trabalhistas, religiosos e parentais experimentados pelos homens e decorrentes, puramente, do sexo pelo qual eles são identificados. Contudo, com o avançar das cenas, logo Ken percebe que ser biologicamente homem não é suficiente para usufruir desses benefícios no mundo real e patriarcal. Ser homem não basta?, Ken pergunta a si mesmo, dentro de um edifício empresarial, após ter um cargo “influente, de alto nível e muito bem pago” – baseado somente no fato dele ser biologicamente um homem – negado, no 43’25” do filme. As cenas que decorrem dessa pergunta indicam que a verificação sobre “ser homem” se dá, sobretudo, no social, onde o sujeito – na maioria das vezes já identificado como homem - deve seguir uma série de convenções sócio e culturalmente construídas. No caso do filme, Ken percebe essas convenções e as estuda e as aprende, e se frustra, ao notar que tais convenções veem sendo questionadas, modificadas e descartadas. Uma vez frustrado no mundo real e tendo percebido que nesse contexto os significados afetos às masculinidades estão em disputa, o personagem decide implementar o patriarcado em um outro contexto, onde essa força, até então, não é conhecida: na *Barbieland*.

MATERIAIS E MÉTODOS

Expressão dos Estudos das Masculinidades, o sociólogo estadunidense Michael Kimmel em *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas* (1998) indica que as masculinidades não são caracterizadas da mesma forma e que tampouco operam a partir dos mesmos privilégios. Segundo afirma, há uma produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Kimmel (1998) sintetiza que os significados de masculinidade variam de cultura para cultura e, dessa maneira, os variados modelos de masculinidades precisam ser compreendidos numa constante que considera os distintos períodos históricos em que foram ou estão inseridos e as diferentes definições e leituras que podem ser feitas em relação ao que significa “ser homem”.

Desse modo, diante dos interesses e preocupações que temos acerca do modo como os indivíduos contemporâneos se relacionam a partir da cultura, desenvolvemos este capítulo, estruturando nossa pesquisa em **três** partes. Na **primeira** delas, apresentamos aspectos teóricos, históricos e conceituais sobre um dos campos de investigação que subsidiam esta pesquisa, os Estudos Culturais, bem a instabilidade dos artefatos visuais e das identidades na Pós-Modernidade e nos Tempos Líquidos; na **segunda**, a construção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas; e na **terceira**, analisamos, a partir dos Estudos das Masculinidades, os atravessamentos de gênero afetos às identidades masculinas, na cultura visual contemporânea relacionada ao longa-metragem *Barbie* (2023).

As reflexões propostas por Kimmel (1998) e pelos Estudos das Masculinidades vão ao encontro de algumas das cenas que integram o longa-metragem *Barbie* (2023). Quando Ken transforma a *Barbieland*, inaugurando o patriarcado para os/as demais personagens que ocupam esse mundo fictício, um modelo hegemônico de masculinidade é estabelecido, ao passo que, um subalterno,

também. Temas como masculinidade tóxica, masculinismo e manutenção do patriarcado são retratados ao longo do filme e, com isso, apresentam-se, ao público, conceitos e discussões que, muitas vezes, não chegam a ser debatidas no senso comum.

Em *Políticas das Masculinidades* (1995), a sociologista australiana Raewyn Connell aborda como o conceito em destaque no título do texto escrito por ela pode influenciar as dinâmicas culturais em diversos contextos, promovendo reflexões sobre novas formas de pensamentos e práticas para alcançar mudanças significativas numa sociedade. Segundo a autora, o conceito de masculinidade se relaciona diretamente às expressões e construções sociais do que significa ser homem em um determinado contexto. As expressões dessa identidade de gênero englobam as diferentes maneiras como os homens vivenciam e desempenham suas vivências, incluindo comportamentos, atitudes, valores, decisões, habilidades, conhecimentos, visualidades e demais características associadas à masculinidade. É importante ressaltar que as masculinidades, nessa concepção, não são fixas e tampouco universais, mas sim, construídas por contextos culturais, sociais, históricos, políticos e **visuais** específicos, sendo, então, uma variedade de formas de ser homem (Connell, 1995, p. 189).

A preocupação com as imagens guarda relações diretas com o segundo campo de investigação que subsidia esta pesquisa, os Estudos Culturais, que evidenciam as maneiras como os artefatos visuais produzem significados, muitos deles atrelados às identidades. Stuart Hall, pioneiro dos Estudos Culturais, em *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo* (1997), examina o papel constitutivo que a cultura desempenha em todos os aspectos da vida social. O autor destaca que, apesar de a cultura sempre ter sido importante, desde a segunda metade do século XX, ela passou a ser central na vida dos sujeitos contemporâneos àquela época. As transformações sociais advindas da Revolução Industrial e das revoluções culturais modificaram os modos com que as pessoas se relacionam com as imagens, e as mídias tiveram, conforme o autor, um papel central nessa mudança de paradigma - haja vista que, a partir delas, tem sido possível encurtar as velocidades a partir das quais as imagens viajam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Evidenciamos que ao longo de sua história o boneco Ken e sua respectiva expressão de masculinidade têm sido representados de maneira caricata, acionados por um nicho específico da cultura visual que, dentre muitas das interpretações, pode ter como objetivo a manutenção do sistema patriarcal e da masculinidade hegemônica, endereçando aquilo e aqueles que se desviam dela como expressões de “segunda categoria”.

Chamou-nos a atenção para como o longa brinca com as relações de poder relacionadas as identidades de gênero. A maneira com que diretora posiciona os protestos por parte dos Kens (homens) acerca de sua condição como indivíduos de segunda classe numa sociedade hegemônica é a paródia mais fidedigna sobre as sociedades ocidentais capitalistas, com a diferença que fora das telas são as mulheres que enfrentam tal realidade. Até mesmo o longa pensado e produzido como uma crítica ao patriarcado, à homogeneidade social e às disparidades entre as identidades de gênero, foi, através da cultura visual, relacionado, sobretudo, à figura de Ken. Conjuntura verificada quando, por exemplo, do único Oscar atribuído

ao filme ser concedido ao ator intérprete de Ken ou da espetacularização das ações do personagem por Hollywood.

Como efeito, gerou-se um interesse de investigar especialmente como os jovens contemporâneos têm se relacionado com os aspectos visuais, culturais e identitários. De modo que inquirimos como **a juventude tem produzido significados afetos às masculinidades pela cultura visual contemporânea do TikTok**. Essa pesquisa resultou na construção e posterior publicação de um artigo (Baliscei; Declewa Fernandes, 2024) na revista *Diversidade e Educação*, intrínseco a esse PIBIC.

CONCLUSÕES

Concluimos que o uso dos artefatos visuais como recurso de identificação para homens e meninos pode influenciar na validação, ou não, de distintas expressões de hombridades. Dessa maneira, pode-se inferir que o campo visual é um espaço de disputa. Nesse sentido, apenas indivíduos do sexo masculino que seguissem uma um padrão hegemônico de masculinidade – cujas reivindicações podem ser feitas por grupos políticos, econômicos e religiosos – conseguiriam obter o reconhecimento de suas identidades sociais. Por outro lado, aqueles que fugissem desse padrão passariam a pertencem a um núcleo subalterno das identidades e, sob a justificativa do risível e cômico, acabariam sendo vítimas de uma violência de gênero sistêmica, seja simbólica ou física.

Além disso, nessas considerações, apontamos que um processo de liquidificação, promovido pela ascensão do individualismo, da globalização e da inabilidade da sociedade Pós-Moderna em tratar questões sociais emergentes, levou uma parcela significativa dos indivíduos a desejarem solidez e permanência, uma vez mais. Essa frustração por não encontrar solidez nas relações sociais tem feito com que muitos meninos, jovens e homens busquem, a todo custo, encaixar-se em padrões obsoletos, bem como tem intensificado as reações negativas ao diferente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, a Fundação Araucária e demais que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

BALISCEI, J. P.; DECLEWA FERNANDES, P. H. (2024). TIKTOKZAÇÃO das Masculinidades: Estudos Culturais, Questões de Gênero e Juventude Contemporânea. *Diversidade e Educação*, 12(1), 478–497. <https://doi.org/10.14295/de.v12i1.16998>

CONNELL, R. Políticas das Masculinidades. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, ano 20, n. 2, p. 185-206, 1995

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, Kenneth (org.). *Media and Cultural Regulation*. Londres: Sage/The Open University, 1ª ed., 1997, p. 208-236

KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.
Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, 1998